

## 4

### O Conflito no Kosovo e a Divisão na Escola Inglesa

#### 4.1

#### A Escola Inglesa nos Anos 1990: Fechamento, Tradicionalismo ou Inovação?

Dunne identificou uma bifurcação na Escola Inglesa nos anos 90: entre teóricos clássicos (classical international society theorists) — que demonstram um alto grau de continuidade com os trabalhos do Comitê Britânico — e teóricos críticos (critical international society theorists) que tomam a obra de Wight e Bull como ponto de partida, mas tomam como tarefa aprofundar a noção de comunidade na sociedade de Estados e estendê-la para além dela.<sup>1</sup> A reação a essa bifurcação tem sido diversa: por um lado, tem sido bem acolhida por aqueles que argumentam que o “peso da tradição” não pode ser um empecilho à inovação. Colocam que, para responder às questões normativas do pós-Guerra Fria, é preciso apoiar-se nos recentes desenvolvimentos da teoria social, política e de Relações Internacionais. Entre os últimos, incluem-se: Nicholas Wheeler, Samuel Makinda, Tonny Knudsen, Tim Dunne, Jennifer M. Welsh, Roger Epp, Iver B. Newmann, Andrew Linklater, Andrew Hurrell, Kai Alderson. Outros argumentam ainda que essa tentativa de “radicalização” representa um repúdio à tradição da sociedade internacional e que seus teóricos devem se manter fiéis à abordagem clássica. Entre outros, destaca-se, nesse sentido, Robert Jackson. Com argumentos contrários a essas posições, estão acadêmicos que vêem na bifurcação um motivo para questionar a viabilidade da Escola Inglesa como abordagem coerente e, dessa forma, decretar o seu fim. Encontram-se, entre esses, Duncan Bell, Ian Hall. Ao longo desta terceira parte (itens 4.1, 4.2 e 4.3), as três posições serão analisadas.

O renovado interesse na Escola Inglesa nos anos 90 é geralmente associado ao fim da Guerra Fria e ao impacto desse evento na disciplina. Contudo, esse tipo de abordagem contextualista não leva em consideração os desenvolvimentos teóricos da

disciplina, ocorridos nos anos 1980 e responsáveis por atrair uma maior atenção para ela. Notamos, no capítulo anterior, como, pelo menos, desde meados dos anos 1980, já era observado um crescente interesse pelos trabalhos da Escola Inglesa. O fim da Guerra Fria deve ser posto ao lado desses desenvolvimentos teóricos, para explicar as críticas a determinadas abordagens e o ressurgimento de outras.

As críticas ao determinismo do neo-realismo, o debate em torno do papel das instituições internacionais, o “retorno da cultura” e a nova legitimidade dos estudos normativos<sup>2</sup> constituíram tendências que tiveram um papel central para a Escola Inglesa. Essas destacaram a importância que a Escola Inglesa sempre deu ao papel da contingência histórica e da mudança, à formação das normas e das instituições internacionais, ao multiculturalismo e ao “terceiro mundo”, bem como à teoria normativa. Segundo Chris Brown, a centralidade destes assuntos na Escola Inglesa tem se mostrado um valioso recurso desde o fim da Guerra Fria. Ele argumenta que a abordagem da Escola Inglesa é mais receptiva a mudanças intelectuais do que as abordagens ortodoxas. Isso tem sido importante com relação à ascensão da teoria “normativa” e aos desafios impostos à disciplina pelas abordagens da teoria crítica e pós-moderna. O autor nota que o fato da Escola Inglesa estar ao lado de novas teorias — o que pode, inclusive, ter ocorrido sem a sua intenção — parece surpreendente para muitos. Mas afirma que isso se dá, basicamente, porque os novos discursos são, acima de tudo, anti-positivistas. Nesse caso, a Escola Inglesa colhe os frutos de ter estado do lado perdedor no “Segundo Grande Debate” nos anos 1960, uma vez que as pretensões científicas das teorias positivistas são os principais alvos das correntes críticas.<sup>3</sup>

Nesse período, produziram-se, também, livros, periódicos e seminários dedicados à Escola Inglesa, e uma terceira geração de acadêmicos começou a publicar seus trabalhos, muitas vezes abordando temas pouco explorados pelas gerações anteriores, como, por exemplo, economia política internacional e ecologia. A atribuição de maior importância ao pouco desenvolvido conceito de *World society*

---

<sup>1</sup> DUNNE, *International Society*, p. 125. Este também é o principal tema do livro de Andrew LINKLATER, *The Transformation of Political Community*.

<sup>2</sup> HERZ, *Teoria das Relações Internacionais*; SMITH, *The Forty Year's Detour*.

<sup>3</sup> BROWN, *Understanding International Relations*, pp.54-55.

(que, segundo Bull, “stands to the totality of global social interaction”<sup>4</sup>) requereu que atores e organizações não governamentais fossem levados a sério.<sup>5</sup> Apesar desse ser um tema marginal em seu trabalho, Bull não deixou de reconhecer a importância de assuntos que não podiam ser adequadamente lidados dentro do quadro analítico da sociedade de Estados:

World politics would on the whole be a better name for our subject than international relations. (...) I accept the contention that there is now a global political system of which the ‘international system’ of states-system is only a part (even if it is the most important part), and that many of the issues that arise within this global political system (...) cannot be satisfactorily dealt with in a framework that confines our attention to the relations of sovereign states. To deal with them properly we need to consider, alongside states, not only organizations of states global and regional, but international non-governmental organizations, transnational and subnational groups, individual humans beings (...).<sup>6</sup>

Entretanto, dada a ênfase anterior na sociedade de Estados, a abordagem da Escola Inglesa também sofreu inúmeras críticas nos anos 1990. Nicholas Wheeler argumenta que as críticas à sociedade internacional faziam parte do ataque geral às abordagens realista/estadocêntricas que emanaram do chamado “terceiro debate” ou debate pós-positivista nas Relações Internacionais.<sup>7</sup> Como veremos a seguir, distanciar-se do realismo e de um excessivo estado-centrismo é parte do atual projeto da Escola Inglesa.

### *O Atual Projeto Normativo da Escola Inglesa*

A meu ver, a referida bifurcação da Escola Inglesa é uma de suas mais marcantes característica nos anos 1990. Sua atual geração de teóricos busca construir pontes entre a abordagem dos autores clássicos e teorias pós-positivistas, procuram

<sup>4</sup> BULL, *The Anarchical Society*, p. 269.

<sup>5</sup> Sobre a análise de atores não governamentais a partir da abordagem da Escola Inglesa, ver Iver B. NEUMANN, *The English School and the practices of world society*; Samuel MAKINDA, *International Society and Global Governance*; e Chris BROWN, *World Society and the English School: An ‘International Society’ Perspective on World Society*.

<sup>6</sup> BULL, *International Relations*, p.252.

<sup>7</sup> Nicholas WHEELER, *Guardian Angel or Global Gangster: a Review of the Ethical Claims of International Society*. Wheeler cita como exemplo deste tipo de crítica o trabalho de Jim George. Ver

afastar a Escola Inglesa dos realistas — muitas vezes, como no caso de Dunne, reescrevendo a história da Escola Inglesa nesses termos —, e, de maneira contundente, buscam construir uma teoria solidarista da sociedade internacional, muitas vezes com contornos pós-westfaliano. É para esse projeto normativo que nos voltaremos nesta seção.

Na base do comprometimento mais solidarista verifica-se uma conexão com perspectivas críticas, mais especificamente com o construtivismo e a teoria crítica. Talvez, isso possa ser visto como parte da tendência mais geral na disciplina de buscar sínteses entre diferentes correntes teóricas. Nesse sentido, os autores que mais têm influenciado essa conexão são Alexander Wendt, e, principalmente, Andrew Linklater.<sup>8</sup> Tal movimento dá-se no sentido de uma tentativa de formular uma abordagem crítica dentro da tradição da teoria da sociedade internacional, que, na formulação de Dunne quer dizer: “Critical international society is not a term which is currently in use. It signifies the space between (universalist) cosmopolitanism and (statist) solidarism”.<sup>9</sup> Nicholas Onuf também tem um papel importante e John Williams sugere que sua abordagem, baseada em Wittgenstein, e seu foco em regras e *rule* podem oferecer bons caminhos, uma vez que esses pontos são centrais para a análise da Escola Inglesa.<sup>10</sup>

A associação entre o construtivismo e a Escola Inglesa, apesar de suas diferenças, tem se tornado cada vez mais aceita na disciplina. Um dos primeiros a estabelecer a associação entre as duas abordagens foi Timothy Dunne. Em um artigo chamado “The Social Construction of International Society”, de 1995, Dunne argumentou que o subjetivismo dos teóricos da Escola Inglesa foi subestimado por “meta-teóricos” como Onuf, Wendt, Hollis e Smith. Dunne nota que esses teóricos, de modo geral, argumentaram que não havia nenhuma tradição teórica subjetiva nas

---

também, Ken BOOTH, Human wrongs and international relations. Sobre o terceiro debate, ver Yosef LAPID, The Third Debate: On the Prospects of International Theory in a Post-Positivist Era.

<sup>8</sup> Dunne coloca que “Andrew Linklater (...), has more than anyone inspired mine and Nick’s [Wheeler] attempt to bridge the English School with critical international theory”. DUNNE, *Inventing international society*, p.ix.

<sup>9</sup> “Occupying this terrain could be said to be the work of R .J. Vincent, Iver Neumann, Nicholas Wheeler, Philip Allot, Ole Waever, Andrew Linklater, Andrew Hurrell, N.J. Rengger and Martin Griffiths”. DUNNE, *International Society*, p. 147. O próprio Dunne pode ser incluído na lista. Como exemplos de teóricos que mantêm-se mais ligados a uma abordagem clássica poderíamos citar: Alan James, James Mayall e Robert Jackson.

Relações Internacionais. Ele mantém que a Escola Inglesa nunca se alinhou ao positivismo e deve ser vista como um exemplo de construtivismo. Ele sustenta sua posição argumentando que a Escola Inglesa sempre foi construtivista, porque vê a sociedade internacional como uma construção social, e a estrutura da sociedade internacional é, principalmente, intersubjetiva, e não material:

For Manning, Wight and Bull, international society is not ontologically prior to the practices of states, and the actions of states are only given meaning by their conscious participation in common institutions. On this reading, international society is a social construction; it is, to use Wendt's phrase, 'what states make of it'.<sup>11</sup>

A recíproca é verdadeira, e tanto Wendt quanto Onuf corroboraram a formulação de Dunne. O primeiro afirma que Bull era um exemplo de construtivista durante a Guerra Fria e dizendo-se influenciado por ele em vários aspectos.<sup>12</sup> Em um recente artigo, onde resenha, concomitantemente, livros recentes da Escola Inglesa e do construtivismo, Conway Henderson nota que a diferença entre as duas abordagens, com frequência, é meramente semântica. Assim, ele conclui a resenha dizendo: "*The constructivists probably owe a greater debt to the English School than they have acknowledged and could enrich their more developed approach with a careful study of the considerable body of literature that amounts to the English School approach*".<sup>13</sup>

Contudo, é preciso esclarecer a relação da Escola Inglesa com essas abordagens e mostrar suas semelhanças e diferenças. A título de comparação, Dunne explica que a Escola Inglesa se encaixa nas três características do construtivismo social, segundo a definição de Wendt: (1) os Estados são a principal unidade de

<sup>10</sup> John WILLIAMS, *New spaces, new places: territory and change in international society*, p. 11.

<sup>11</sup> DUNNE, *The Social Construction of International Society*, p.384. Para uma discussão do "proto-construtivismo" de Manning ver SUGANAMI, C. A. W. Manning.

<sup>12</sup> Nicholas ONUF, *The Republican Legacy in International Thought*; Alexander WENDT, *Social Theory of International Politics*, especialmente, pp. 3, 31 e 253.

<sup>13</sup> Conway HENDERSON, *Investigating International Society*, p. 423 (ênfases minhas). A literatura que associa de alguma forma as duas abordagens é enorme, alguns exemplos específicos são: ALDERSON; HURRELL, *International Society and the Academic Study of International Relations*; John Gerard RUGGIE, *What Makes the World Hang Together? Neo-utilitarianism and the Social Constructivist Challenge*, p.862; Ole WAEVER, *Four Meanings of International Society*. Argumenta que os construtivistas americanos apenas reinventaram a roda inglesa, devido à semelhança das abordagens; Ole WAEVER, *Does the English School's Via Media Equal the Contemporary Constructivist Middle Ground?*, vê mais afinidades com o pós-estruturalismo do que com o construtivismo; Richard SHAPCOTT, *Practical reasoning: Constructivism, Critical Theory and the English School*; Janine KISSOLEWSKI, *Norms in international society: English School meets constructivists*; Hidemi SUGANAMI, *Alexander Wendt and the English School*.

análise; (2) as principais estruturas do sistema internacional são intersubjetivas e não materiais; (3) as identidades e interesses dos Estados são uma parte importante dessa estrutura, ao invés de serem dados de forma exógena.<sup>14</sup> Entre as diferenças, Dunne observa, por exemplo, que a descrição das regras da sociedade internacional pelo construtivismo Wendtiano é mais maleável e mais aberta à possibilidade de mudança. Ele aponta que, para Bull, qualquer tentativa de reconstruir as regras constitutivas do jogo — não intervenção, por exemplo — corre o risco de perder o consenso intersubjetivo, que permite às múltiplas identidades coexistirem.<sup>15</sup>

De maneira, geral os novos teóricos da Escola Inglesa — entre outros, Iver Neumann, Dunne, Wheeler — associam, em demasia, essa abordagem com o construtivismo Wendtiano. Certamente, devido a seu estado-centrismo e sua ênfase nas estruturas intersubjetivas. Mas outro ponto a ser considerado é que o construtivismo é muito mais rico e vai muito além do que Wendt propõe. Em outras vertentes, como exemplificado por Onuf e Kratochwill, a ênfase deixa de ser na estrutura e passa a ser nos atos discursivos e nas regras que capacitam os agentes a agir. O Estado não é a agência por excelência, e sim os indivíduos. Por isso, como observa Ole Waever, simplesmente associar as duas abordagens, dizendo que a sociedade internacional é uma construção social, não é suficiente. Waever argumenta que, certamente, existe muito em comum entre as duas abordagens, mas que muita coisa ainda precisa ser explicada nessa associação. Ele pergunta: Como a sociedade internacional é construída? Como os observadores a constroem? Levando-se em consideração os diferentes tipos de construtivismo, quão sólida é essa construção?<sup>16</sup> Como bem observou uma comentadora, não quer dizer que, só porque as duas

---

<sup>14</sup> Wendt, citado em DUNNE, *Inventing International Society*, pp.187-189; DUNNE, *The Social Construction of International Society*. Ver Alexander WENDT, *Collective Identity Formation and the International State*, p.385. Da mesma forma, Alderson e Hurrell identificaram três principais proposições do construtivismo – muito parecidas com as citadas acima – e argumentam que Bull concordaria com cada uma das três. Mas destacam três áreas de divergências com o construtivismo: (a) a ênfase de Bull na história, que com algumas exceções análises históricas detalhadas não tem sido uma característica dos construtivistas; (b) a centralidade das “teorias clássicas” nos escritos e na abordagem de Bull; (c) a interpretação de Bull do papel das idéias na política internacional. Bull buscava analisar historicamente aquelas idéias e ideologias que proovessem uma, relativa, firme base (foundations) para a ordem mundial. ALDERSON; HURRELL, *International Society*, pp.34-46.

<sup>15</sup> DUNNE, *The Social Construction of International Society*, p.383.

<sup>16</sup> WAEVER, *Four Meanings of International Society*, p.95.

abordagens falam sobre sociabilidade, o social da Escola Inglesa seja igual ao social do construtivismo.<sup>17</sup>

A relação da Escola Inglesa com a teoria crítica pode ser traçada, basicamente, a partir dos trabalhos de Andrew Linklater e suas interpretações do potencial normativo/crítico dos últimos escritos de Bull, Wight e Vincent. O próprio Linklater diz se basear na tentativa de Bull e Vincent de superar a divisão entre concepções particularistas e universalistas da sociedade internacional. Mas, como é notório, as primeiras gerações da Escola Inglesa colocaram importantes questões sobre justiça, no entanto, deixaram muitas perguntas sem respostas. Dessa forma, Linklater e a nova Escola Inglesa partem das tensões e possibilidades abertas pelas gerações anteriores da Escola Inglesa para construir suas próprias agendas normativas. Conforme já mencionado, Linklater é a influência mais forte, ao lado de Vincent, na tentativa da nova geração de teóricos da Escola Inglesa de desenvolver o que, de acordo com a denominação do próprio, eles chamam de “radicalised Rationalism”. Como afirma Dunne, “Indeed, much of the impetus for a radicalised Rationalism can be traced to him [ele se refere à Linklater]”.<sup>18</sup> Essa geração, como as anteriores, tem em comum com a teoria crítica o fato de questionar e desafiar a imagem positivista da disciplina. Outro ponto de ligação da nova Escola Inglesa com Linklater é o projeto desse de expansão da comunidade política e a relação entre ética e política externa. Nas próximas páginas, ao discorrermos mais detalhadamente sobre o atual projeto normativo da nova geração da Escola Inglesa, ficará clara a forte influência de Linklater entre os novos teóricos.

Uma agenda ética cosmopolita mais vigorosa torna-se possível, dado que esses autores — que se auto-intitulam “teóricos críticos na Escola Inglesa” (critical

---

<sup>17</sup> Any Correia FREITAS, Resenha do livro de Buzan e Little: *International Systems in World History*. Ver Nicholas G. ONUF, *World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations*; ONUF, *Constructivism: A User's Manual*; ONUF, *Worlds of Our Making: The Stranger Career of Constructivism in International Relations*. Nesse capítulo, Onuf fala sobre algumas diferenças do seu tipo de construtivismo e o de Wendt. ONUF, *Institutions*. Onuf discorre sobre o que ele vê de confuso no tratamento das instituições pela Escola Inglesa. Sobre o construtivismo ver, além dos trabalhos citados nas últimas notas, Alexander WENDT, *Anarchy is What States Make of it: The Social Construction of Power Politics*; Richard PRICE; Christian REUS-SMIT, *Dangerous Liaisons? Critical International Theory and Constructivism*; Emanuel ADLER, *O Construtivismo no Estudo das Relações Internacionais*. Para uma excelente análise sobre os diferentes tipos de construtivismos, ver Maja ZEHFUSS, *Constructivism in International Relations: Wendt, Onuf, and Kratochwill*.

<sup>18</sup> DUNNE, *Colonial encounters in international relations*.

international society theorists) — tratam a Escola como sendo uma teoria social das Relações Internacionais. Enfatizam, assim, o potencial e necessidade da crítica imanente e toda a simbiose que isso pressupõe entre teoria e prática, fato e valor e, principalmente, o reconhecimento do papel da teoria na construção de nossos entendimentos e percepções da realidade. John Williams chama tais teóricos de “constructivist solidarists”.<sup>19</sup> Williams busca analisar como os novos teóricos da Escola Inglesa procuram responder e superar o desafio do estado-centrismo através de um renovado interesse na idéia de *world society*. Nesse sentido, coloca que os processos da globalização, com seus desafios ao sistema de Westfália, revigoraram e deram uma nova direção à agenda ética da teoria da Escola Inglesa.

A nova geração leva a sério a colocação de Der Derian: “we begin where Wight and Bull left off”. Dunne, por exemplo, diz pretender desenvolver o que chama de “Andrew Linklater approach to the history of ideas”. Essa abordagem rejeita a busca por autenticidade, em favor da procura pela potencialidade normativa de um teórico ou de um texto. “The question, for Linklater, is not whether one interpretation is more faithful than another, but rather, what can we make of it?”<sup>20</sup> Dessa maneira, buscam tais potencialidades nos textos clássicos da Escola Inglesa, encontrando-as em: Wight, em sua vontade de se libertar do que chamou de “preconceito intelectual imposto pelo Estado soberano” e em sua insistência nas três tradições sempre em fluxo e em tensão; nos últimos escritos de Bull sobre justiça e sobre o terceiro mundo; e nos escritos de Vincent sobre direitos humanos — um coquetel poderoso para seu comprometimento crítico-solidarista. Essa procura por potencialidades normativas é uma característica dos escritos atuais da Escola Inglesa. Dunne diz que um dos objetivos de escrever *Inventing International Society: A History of the English School* era mostrar “the radical potentiality of the Grotian or rationalist approach”:

Beneath this task lay the belief that the leading thinkers in the English School (...), represent more than just an important voice in the historiography of the discipline.

---

<sup>19</sup> WILLIAMS, *New spaces, new places*, p. 8. Denominação parecida com a usada por Tim Dunne que chama esses teóricos de “English School constructivists”. Tim DUNNE, *New Thinking on International Society*, p.240.

<sup>20</sup> DUNNE, *Inventing international society*, p.182.

Carr's dialectical method, Wight's historical sociology of culture and identity, Bull's reflections on alternative notions of community, and Vincent's prescriptions for a radical redistribution of wealth from the 'haves' to the 'have nots', all speak to a broadly defined critical agenda for International Relations theory. In tune with the politics of the 1990's, thinkers like Wight, Bull and Vincent show that there can be a radical centre to the study of global politics.<sup>21</sup>

Dunne argumenta que as potencialidades abertas pelos escritos da Escola Inglesa falam diretamente a uma abrangente agenda crítica na teoria das Relações Internacionais. Sobre o comprometimento mais crítico dessa nova geração da Escola Inglesa, é interessante observar ainda que em sua maioria, os teóricos começaram a publicar seus trabalhos no final dos anos 1980 e início dos 1990, sofrendo influências dos debates epistemológicos ocorridos na disciplina nos anos 1980 e ficando conhecidos como integrantes do "terceiro debate", ou debate pós-positivista. Nesses debates, como se sabe, teóricos críticos de várias vertentes começaram a destacar as potencialidades dos escritos das primeiras gerações da Escola Inglesa. Dessa forma, podemos ver que os novos teóricos da Escola Inglesa tomam essas potencialidades como ponto de partida. Aí está uma das conexões que ajudam explicar as relações entre a nova geração da Escola Inglesa e teorias críticas — conexão essa que muitos apontam, não totalmente sem razão, como confusa, e que carece de explicação para ser totalmente justificada e entendida.

Muitos desses teóricos críticos leram e absorveram essas potencialidades abertas pelas primeiras gerações da Escola Inglesa, ao mesmo tempo que também apontavam para as suas limitações. Um exemplo disso são, entre outros, os trabalhos de Andrew Linklater e James Der Derian, que assumem certas influências da Escola Inglesa e apontam seus limites. Ao mesmo tempo, muitos trabalhos desses teóricos críticos influenciaram e continuam influenciando a nova geração da Escola Inglesa. Alguns teóricos críticos tiveram influências das primeiras gerações da Escola Inglesa; por sua vez, os trabalhos desses e as leituras que fizeram de autores como Wight e Bull influenciaram o posterior desenvolvimento da Escola. Ao legado das primeiras

---

<sup>21</sup> Ibid., p.xi.

gerações e dos teóricos críticos, os teóricos da nova geração da Escola Inglesa aliam uma mais desenvolvida e auto-consciente metodologia pós-positivista.<sup>22</sup>

Wheeler sugere que um exemplo de teoria crítica na Escola Inglesa (critical international society theory) é o comprometimento de Vincent em colocar as vítimas da sociedade internacional no centro de seu pensamento. O autor afirma também que atualmente o trabalho de Linklater é o melhor exemplo dessa teoria. Posteriormente, define:

Critical international society theory places suffering humanity at the centre of its theoretical project exploring how the society of states might become more hospitable to the promotion of justice in world politics (...); reject the separation of domestic and international; accord a key role to public opinion in liberal societies in constantly monitoring the ‘ethical content and purpose of foreign policy’ [Wheeler salienta que isto é baseado na análise de Wight sobre a importância dos princípios doméstico de legitimidade em moldar os princípios de legitimidade internacional, que é explorado em seu ensaio ‘international legitimacy’ no livro *Systems of States*]; and their empirical task is to explore how changing state-society relations lead different states to acquire different levels of moral openness and closures towards societies elsewhere.<sup>23</sup>

Bull, ao analisar as bases normativas do início dos anos 1980, colocou que uma ordem pluralista não era mais suficiente e enfatizou a necessidade de a sociedade internacional limitar a soberania dos Estados. Para ele, as mudanças normativas, ou o desenvolvimento de uma consciência moral cosmopolita, devem ser demonstrados empiricamente — não basta afirmar que estejam ocorrendo, elas devem se mostrar como consenso viável nas práticas dos Estados e, como dizemos hoje em dia, nas práticas da sociedade civil transnacional.<sup>24</sup> Dessa maneira, alguns teóricos empreendem estudos de casos para analisar em que sentido está ou não havendo mudanças para uma nova base normativa em que a responsabilidade humanitária não seja impedida pelo princípio da soberania, uma vez que “one of the challenges for

<sup>22</sup> Para trabalhos que analisam como a Escola Inglesa se relaciona com perspectivas críticas, ver WAEVER, Four Meanings of International Society; WAEVER, Does the English School’s *Via Media*; e SHAPCOTT, Practical reasoning.

<sup>23</sup> WHEELER, *Guardian Angel or Global Gangster*, p.127.

<sup>24</sup> ALDERSON; HURRELL, *The Continuing Relevance of International Society*, p.60.

critical international society theory is to show how the society of states is capable of legitimizing new practices of humanitarian intervention”.<sup>25</sup>

Contudo, seria errôneo supor que tais teóricos sejam cosmopolitas “all the way down”, para usar uma expressão de Wendt. Eles procuram reter uma certa dose do ceticismo de Bull e Wight, pois possuem noção de quanto o solidarismo é visto com cautela na Escola Inglesa. Falando sobre a possibilidade de desenvolver uma teoria solidarista, Dunne comenta:

this project should not blind us to the contested nature of solidarism within the English School. (...) Even in Bull’s later work, he remained deeply ambivalent about solidarism. (...) To be faithful to the work of Wight, Bull and others, we need to see solidarism as an emergent idea, one that is continually being checked by concerns about the fragility of its foundations.<sup>26</sup>

Com o fim da Guerra Fria, o significativo aumento das intervenções humanitárias e as todas mudanças ocorridas na política mundial, fez-se necessário repensar as bases normativas da sociedade política internacional. Consequentemente, as tensões e as diferenças entre as concepções pluralista e solidarista da sociedade internacional vieram à tona novamente. Mas longe de significar o esgotamento da Escola Inglesa ou um embate que coloque em xeque a sua viabilidade, como sugerem algumas críticas que serão analisadas na seção 3.3, Williams argumenta que os teóricos solidaristas vêem o revigoramento do anteriormente paralisado debate entre as tradições pluralista e solidarista da Escola Inglesa como fundamental para o atual projeto normativo da Escola Inglesa.<sup>27</sup> Como será argumentado abaixo é esta dimensão do projeto normativo que os críticos falham em levar em consideração quando dizem que a proporção tomada neste debate significa a impossibilidade de articulação da Escola Inglesa. Se a tensão entre a “ética da diferença” e a procura por

---

<sup>25</sup> WHEELER, Guardian Angel or Global Gangster, pp.134-135. Dois exemplos deste tipo de estudo de caso são: WHEELER; DUNNE, Hedley Bull’s pluralism of intellect; e WHEELER; DUNNE, East Timor and the new humanitarian interventionism. Algumas implicações políticas do solidarismo são analisadas pelos mesmos autores em Good international citizenship: a third way for British foreign policy.

<sup>26</sup> Tim DUNNE, All Along the Watchtower. A Reply to the Critics of *Inventing International Society*, pp. 227 e 238.

<sup>27</sup> WILLIAMS, New spaces, new places, p. 5.

“consenso” em questões normativas<sup>28</sup> continua no centro da política internacional, o debate normativo não pode fugir a estes problemas. E como veremos a seguir, a intervenção da OTAN no conflito do Kosovo foi, mais do que qualquer outro evento, o grande mediador deste debate na Escola Inglesa.

## 4.2

### O Conflito no Kosovo e o debate entre pluralistas e solidaristas

Nessa seção será analisado o recente debate na Escola Inglesa entre autores pluralistas e solidaristas em torno das questões normativas envolvidas no conflito do Kosovo: “O caso do Kosovo (...) polariza as recentes contribuições da Escola Inglesa em termos das respostas dadas por diferentes autores”.<sup>29</sup> Posteriormente, serão analisados as críticas a este debate e, de uma forma geral, ao projeto de “relançamento” da Escola Inglesa e aos rumos que ele está tomando.<sup>30</sup>

A intervenção da OTAN no Kosovo, em 24 de março de 1999, levantou várias questões normativas. Uma intervenção humanitária unilateral não autorizada pelo Conselho de Segurança da ONU, colocaria em risco os princípios constitutivos da ordem internacional, como os da não-intervenção e da soberania, em risco? Poderíamos ver no fato de a principal justificativa da OTAN ter sido a proteção dos direitos humanos dos kosovares de origem albanesa, uma mudança normativa com relação aos princípios da Guerra Fria, onde considerações de segurança eram prioritárias com relação aos direitos humanos? Teriam os meios empregados –

<sup>28</sup> Andrew HURRELL, *Society and Anarchy in International Relations*. Um dos únicos trabalhos publicados em português que trata destas questões normativas do pós-Guerra Fria a partir do instrumental teórico da Escola Inglesa é de Andrew HURRELL, *Sociedade Internacional e Governança Global*. Agradeço à professora Flávia de Campos Mello por chamar minha atenção para este artigo.

<sup>29</sup> Tim DUNNE, *New Thinking*, p. 225.

<sup>30</sup> Antes de mais nada, é necessário destacar que a conferência da BISA de 1999 foi dedicada ao que muitos chamaram de “relançamento” da Escola Inglesa. Grande parte das discussões foram em torno do paper de Barry BUZAN, *The English School as a Research Program: an overview, and a proposal for reconvening*, no painel “A Reconsideration of the English School: close or reconvene?”. Paper este depois publicado em um fórum para discussão; *The English School: an underexploited resource in IR*, pp. 471-488. Maiores detalhes sobre o projeto de “reconvening” no site [www.leeds.ac.uk/polis/englishschool](http://www.leeds.ac.uk/polis/englishschool). É a este projeto que os críticos se referem de forma geral.

bombardeios aéreos e não invasão por terra – comprometido os fins humanitários alegados pela OTAN?<sup>31</sup>

Todas essas e outras questões dividiram os analistas. Iremos analisar como essa divisão se deu na Escola Inglesa através do debate entre suas vertentes pluralistas e solidaristas, representadas respectivamente por Robert Jackson e Nicholas Wheeler.<sup>32</sup>

O comprometimento de Robert Jackson com a posição pluralista clássica (conforme descrita no segundo capítulo) não é novo como atestam seus diversos trabalhos ao longo da década de noventa.<sup>33</sup> Nesta perspectiva, como vimos, os princípios da soberania e da não intervenção são os constitutivos da sociedade internacional e devem ser preservados. Esta posição é reiterada em seu último livro *Global Covenant*.<sup>34</sup> Para Jackson “o pacto global” significa os arranjos institucionais e as regras que dão “substância ao pluralismo”, que acomoda a diversidade de todos os povos.

Por conseguinte, Jackson é um crítico da intervenção da OTAN no Kosovo. Diferentemente dos solidaristas que procuram relativizar o princípio da soberania absoluta, agregando a este princípio um sentido de responsabilidade dos dirigentes para com os direitos humanos de seus cidadãos, Jackson coloca que: “Era a OTAN e não a Iugoslávia que estava violando as mais fundamentais normas da sociedade

---

<sup>31</sup> Para trabalhos que abordam diversos aspectos do conflito no Kosovo, ver, entre outros, Richard CAPLAN, *International diplomacy and the crisis in Kosovo*; Geraldo Lesbat C. FILHO, Anotações sobre a guerra de Kosovo; Lawrence FREEDMAN, *Victims and Victors: reflections on the Kosovo War*; William W. HAGEN, *The Balkans Lethal Nationalisms*; Noel MALCOLM, *Kosovo: A Short History*; Nizar MESSARI, *Kosovo e o Ocidente: Exercícios na Construção da Identidade Ocidental*; João P. NOGUEIRA, *A guerra do Kosovo e a desintegração da Iugoslávia: Notas sobre a (re)construção do Estado no fim do milênio*; James PETTIFER, *Kosovo: uma historia familiar*; Lenina POMERANZ, *Reflexões em torno de Kosovo*; Ignacio RAMONET, *A neoguerra invisível*; Adam ROBERTS, *NATO's Humanitarian War over Kosovo*; Miriam G. SARAIVA, *Os Bálcãs e a construção de uma nova ordem internacional*.

<sup>32</sup> Neste trabalho, o enfoque será restrito aos dois principais “protagonistas” dos dois lados do debate: Robert Jackson e Nicholas Wheeler. Entretanto, o debate na Escola Inglesa não se restringiu a estes dois autores. Outros autores escreveram trabalhos que formou parte deste debate. Do lado solidarista, Andrew Linklater, Iver Neumann, Adam Roberts; do lado pluralista, James Mayall. Para um trabalho que examina as posições destes autores sobre o conflito do Kosovo, ver Nicholas WHEELER, *Humanitarian intervention after Kosovo: emergent norm, moral duty or the coming anarchy?*.

<sup>33</sup> Robert JACKSON, Martin Wight, *International Theory and the Good Life*, pp. 261-272; JACKSON, *The Political Theory of International Society*.

<sup>34</sup> Robert JACKSON, *The Global Covenant: Human Conduct in a World of States*.

internacional”.<sup>35</sup> Os pluralistas são cépticos quanto a possibilidade da formação de um consenso entre os Estados, sobre a questão da expansão de princípios justiça na sociedade internacional, pois o valor prioritário é a ordem. E ao contrário dos solidaristas, que acreditam que muitas vezes a justiça pode ser promovida e expandida sem colocar em risco a ordem, os pluralistas temem que, por não haver um consenso na sociedade internacional, princípios expansivos de justiça – como intervenção humanitária – podem colocar os princípios constitutivos da ordem – como soberania e não-intervenção – em perigo. Por isso, Jackson destaca que a divisão das grandes potências era um preço muito alto a ser pago, para resgatar os kosovares albaneses. Ele cita o ex-primeiro ministro russo Victor Chernomyrdin e Henry Kissinger que declararam o alto abalo que a intervenção causaria nas relações EUA-Rússia. Na visão de Jackson:

Russia and China are of much greater importance to NATO and the West than the domestic politics of a small Balkan state. Dividing the great powers, or even risking that division, is always the most dangerous policy’. (...) In my view, the stability of international society, especially the unity of the great powers, is more important, indeed far more important, than minority rights and humanitarian protections in Yugoslavia or an other country – if they have to choose between those two sets of values’.<sup>36</sup>

Para Jackson, os casos de intervenções humanitárias no pós-Guerra Fria não evidenciam uma emergente ordem solidarista. Pois aponta que mesmo nos casos que os direitos humanos tiveram preponderância na retórica dos líderes ocidentais, no final de contas as preocupações pluralistas, sejam elas com fronteiras ou com a paz e a segurança internacional, prevaleciam de uma forma ou de outra. No caso de Kosovo, para ele, isto não é diferente e lista inúmeras razões pluralistas em jogo na intervenção como, por exemplo, a forte relutância das potências interventoras de arriscarem as vidas de seus soldados. Desta maneira, vê que isto sugere a inadequação prática das justificativas humanitárias para intervenções militares que não podem também ser justificadas por preocupações convencionais como segurança nacional e a ordem internacional. Mas apesar de dizer que, isto não significa que o humanitarismo

---

<sup>35</sup> Ibid., p. 282.

<sup>36</sup> Ibid., p. 283 e 291.

e os direitos humanos sejam vazios, coloca que seria errôneo concluir que o solidarismo está superando o pluralismo na ética internacional. Mantendo-se firme no estado-centrismo argumenta que os objetivos solidaristas só podem ser perseguidos dentro do arcabouço pluralista, logo, dentro de sua lógica silogística, “o solidarismo é claramente subordinado ao pluralismo”.<sup>37</sup>

Jackson dispensa considerável atenção aos perigos de burlar o Conselho de Segurança e violar a Carta da ONU, o que o leva, em suas palavras, a uma “conclusão inescapável”: a ilegalidade e a condenação da intervenção, para os que aceitam a não-intervenção e a restrição do uso da força como referência básica para julgar os méritos da intervenção, mesmo que o caso do Kosovo possa ser justificado em termos humanitários.

Em sentido diferente do argumento de Jackson encontra-se a posição de Nicholas Wheeler. Conforme salientado na seção 4.1, sua posição solidarista busca examinar como a sociedade internacional pode ser mais receptiva a promoção da justiça e como isso pode fortalecer a sua legitimidade ao invés de colocar em risco a ordem, como argumentam alguns pluralistas. Um de seus principais pontos é a necessidade da busca pela legitimação da ação pretendida. Coloca que os Estados ao tentarem justificar suas ações usam várias estratégias discursivas que, de uma forma ou de outra, os comprometem com o conteúdo da retórica. Dessa forma, mesmo que os motivos humanitários não sejam prioritários eles estarão comprometidos a agir de maneira que os resultados estejam de acordo com os valores expressados anteriormente. O que pode evitar os Estados de agirem se uma situação não puder ser legitimada.<sup>38</sup>

Wheeler é crítico de análises extremamente legalistas que apresentem interpretações limitadas da Carta da ONU. Comentando sobre este ponto observa:

what this analysis overlooks is that law cannot be separated from politics, and that the law is constantly being reinterpreted in the light of international society’s changing values and purposes. (...) The virtue of this process can be seen in a comparison of the Security Council’s *moral failure* to involve itself in Pakistan’s brutal killing of the

<sup>37</sup> Ibid., p. 289.

<sup>38</sup> Ele argumenta : “Even the powerful do not want to be exposed as hypocrites, and, once a state has legitimated an intervention as humanitarian, its subsequent actions will be constrained by the need to avoid acting in ways that undermine a positive humanitarian outcome”. WHEELER, Saving Strangers, p.296; WHEELER, Humanitarian intervention after Kosovo.

Bengali people because of its *narrow interpretation of Article 2 (7)*, and its willingness to define human rights emergencies as legitimising enforcement action in the 1990's.<sup>39</sup>

Apesar de ser a favor de intervenções humanitárias unilaterais mesmo sem o suporte da ONU, em casos de “emergências humanitárias supremas”, Wheeler é contra os argumentos que colocam que apesar de serem ilegais as intervenções sem a anuência da ONU, elas são moralmente necessárias. Ele aponta duas razões para a fraqueza deste argumento. Primeiro, admitir que uma ação é ilegal coloca em risco a disrupção de toda a estrutura legal de obrigações. Porque um Estado obedeceria a uma resolução do Conselho de Segurança quando vê outros ignorando a autoridade do Conselho? O segundo problema é: uma vez que estas recomendações possuem o potencial de se desenvolverem em uma modificação da existente Carta, porque não argumentar a favor de que um direito de intervenção humanitária fora do Conselho de Segurança possa ser incorporado ao direito internacional? Salieta que ao invés dos Estados argumentarem que a intervenção humanitária é moralmente necessária mas não é legalmente permitida, a melhor estratégia para os Estados cumpridores da lei é propor iniciativas que desenvolvam um novo quadro legal que governe as ações das intervenções humanitárias unilaterais. Observa também que em nenhum momento os países da OTAN argumentaram que o bombardeio na Iugoslávia era ilegal mas moralmente justificável.<sup>40</sup>

Outro ponto em que os solidaristas divergem dos pluralistas é sobre a possibilidade da promoção da justiça na sociedade internacional, sem que ameace a sua estabilidade. Aqui Wheeler é contundente: “I disagree with Robert H. Jackson’s recent contention that NATO was behaving recklessly in risking stable relation between the great powers to save the Kosovars”.<sup>41</sup> Na visão de Wheeler, o caso do Kosovo não colocava a ordem em perigo, pois freqüentemente, apesar de nem sempre, a justiça pode ser promovida sem por a ordem em perigo. Ele argumenta que Jackson exagera a fragilidade da ordem por não levar em consideração a

<sup>39</sup> Nicholas WHEELER, book review of Cristine Gray’s *International Law and the use of force* e Simon Chesterman’s *Just war or just peace?*, p.688 (ênfases minhas).

<sup>40</sup> Nicholas WHEELER, *Unilateral Intervention and International Law*, pp. 14-15.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 30. Para uma outra crítica de Wheeler à trabalhos anteriores de Jackson, ver WHEELER, *Guardian Angel or Global Gangster*. Onde explora extensivamente sobre suas discordâncias com Jackson.

preponderância das potências ocidentais na arena global. Segundo Wheeler, foi essa preponderância de poder que permitiu a OTAN ir à guerra contra a Iugoslávia sem correr o risco de ter uma guerra com a Rússia.

Para Wheeler, o fundamental é sempre analisar as bases normativas da sociedade internacional em que as intervenções ocorreram, e procurar enxergar se as intervenções humanitárias podem ou não significar o desenvolvimento de progressos normativos. Por isso, através de comparações entre intervenções humanitárias na Guerra Fria e no pós-Guerra Fria, conclui que durante a Guerra Fria a racionalidade humanitária ficava em segundo plano; ou seja, os Estados preferiam justificar suas intervenções em termos de segurança nacional e não baseavam suas justificativas no bem humanitário que atingiam. Wheeler aponta como exemplo, as intervenções da Índia no leste do Paquistão que levou a criação de Bangladesh em 1971; a ocupação vietnamita do Cambodia em 1979, que pôs fim aos “campos da morte” de Pol Pot; e a intervenção da Tanzânia em Uganda, no mesmo ano, que depôs o tirânico Idi Amin. Em todos estes casos houve um considerável ganho humanitário. Em todos os casos houve justificativas de segurança para explicar as ações dos Estados interventores e em todos houve uma ampla condenação internacional destas ações, com exceção do caso da Tanzânia que não teve repercussão. Enquanto nestes casos a racionalidade humanitária ficava em segundo plano na hora de justificar as ações, Wheeler observa que o oposto ocorreu no caso do Kosovo: os países da OTAN insistiram que motivos humanitários eram a principal preocupação, enquanto seus críticos procuravam demonstrar que a ação era auto-interessada. As motivações, para Wheeler, raramente serão “puras”, mas ele parece aceitar que o principal é que o resultado seja o resgate da população oprimida, e que as intervenções nos anos 1970 deveriam ter sido justificadas mais explicitamente nestas bases.<sup>42</sup>

Dessa forma, enquanto para Wheeler tivemos no pós-Guerra Fria uma mudança para um sistema normativo mais receptivo a demandas solidaristas,<sup>43</sup> por outro lado, para Jackson, continuamos no mesmo sistema pluralista desde a Guerra

---

<sup>42</sup> Lawrence FREEDMAN, book review of Wheeler's *Saving Strangers*, pp.174-175.

<sup>43</sup> Ver também, Simone M. RODRIGUES, *Segurança Internacional e Direitos Humanos - A Prática da Intervenção Humanitária no Pós-Guerra Fria*.

Fria, “the future of international relations may be more like the past than we may care to admit”.<sup>44</sup>

A intervenção no Kosovo, para Wheeler, levantou várias questões que possibilitarão debates públicos de assuntos que antes eram restritos à academia, como, por exemplo, sobre a questão dos meios utilizados para se atingir resultados humanitários. Nesse sentido, vê a importância da intervenção unilateral da OTAN no Kosovo, no fato dela ter desafiado as normas e, como resultado, pode servir para catalisar mudanças normativas na sociedade de Estados e reacender o debate para a emergência de novas regras procedimentais para intervenções fora do Conselho de Segurança. Conclui que novas regras procedimentais são urgentemente necessárias para trazer a harmonia entre a ética e o direito, mas acrescenta que um dia as práticas apoiadas por estas regras conflitarão com os mesmo imperativos morais.<sup>45</sup> Por isso, a necessidade da constante reavaliação das bases normativas da sociedade internacional, que Bull enfaticamente se referia.<sup>46</sup>

### 4.3

#### **Sobre a viabilidade do atual projeto da Escola Inglesa**

A argumentação da impossibilidade do atual projeto da Escola Inglesa parte, principalmente, dos que vêem no debate acima descrito uma prova da existência de diferenças irreconciliáveis que, por sua vez, a exemplo de Roy Jones, mas com algumas diferenças, pedem pelo seu fechamento simbólico ou mesmo afirmam que ela já não mais existe. As críticas ao atual projeto normativo da Escola Inglesa e os rumos que ela está tomando partem, mais uma vez, dos críticos que pedem seu fechamento, bem como de outros que se mantêm ligados mais diretamente à abordagem clássica, como Robert Jackson, que vê nesta vertente crítica uma repudição da tradição da Escola Inglesa como um todo.

Em uma resenha do livro de Dunne, *Inventing International Society*, Jackson salienta: “But that purported fraternity between the classical international society

---

<sup>44</sup> JACKSON, *Global Covenant*, p. 291.

<sup>45</sup> WHEELER, *Unilateral Intervention and International Law*, p.33.

theorists and critical theorists, which Dunne captures using the elastic expression ‘critical international society theory’, is two different schools of scholarship, not one”.<sup>47</sup> Por outro lado, Dunne coloca que o livro de Jackson, *Global Covenant*,

shows how the international society tradition can become traditionalism. Yet this is not where Bull left off. As he wrote at the end of *The anarchical society*, the normative basis of international society ‘stands in need of continual re-assessment’. Jackson has written an eloquent vindication of the pluralist rules of international society and not a re-assessment of the extent to which it supports the wider goals of order and justice in the society of all humankind . (...) In Bull’s later work, pluralism often appears a ‘second-best’ normative position. But, for Jackson, the pluralist ethics that sustains international order is the optimum institutional arrangement for sustaining a global good life”.<sup>48</sup>

Este tipo de crítica de que Jackson distorce ou lê erroneamente parte do legado de Bull *et al*, tem sido freqüente. Também Ian Hall e Duncan Bell apontam para questões no livro de Jackson que não seriam compartilhadas pela primeira geração da Escola Inglesa, e, no entanto, Jackson diz se basear neles para tirar suas conclusões. Por exemplo, a questão da “ética situacional”, de que devemos julgar os estadistas pelos seus próprios padrões, e a questão de que “it is the duty of – as well as within the abilities of – the scholar to remain at a distance, disengaged, as theory is ‘entirely different’ from practice”,<sup>49</sup> a isto Jackson chama de “agnosticismo profissional”. Tanto Hall quanto Bell, mostram os problemas, dificuldades e a impossibilidade de tal posição, pois colocam que o próprio Jackson faz uma defesa tal eloqüente da posição normativa do pluralismo que “it is hard not to view Jackson’s *Global Covenant* itself as intervention in practical politics of its own”.<sup>50</sup> Ambos destacam o envolvimento de Bull e Wight com as questões políticas de seus tempos “Both Hedley Bull e Martin Wight actively involved themselves in practical politics”<sup>51</sup>; “it is likely that Bull and the original English School scholars would have found his

<sup>46</sup> BULL, *The Anarchical Society*, p. 308; BULL, Preface.

<sup>47</sup> Robert JACKSON, book review of Dunne’s *Inventing International Society*, p. 764.

<sup>48</sup> Tim DUNNE, book review of Jackson’s *Global Covenant, International Affairs*, p.176 (ênfases no original); DUNNE, *New Thinking on International Society*, p. 237. Em outro trabalho Dunne coloca que Jackson faz parte da ala conservadora da Escola Inglesa. DUNNE, *Sociological Investigations*, p.90.

<sup>49</sup> JACKSON, *Global Covenant*, p. 88-91. Citado em BELL, *Back to School?*, p. 410.

<sup>50</sup> HALL, *Still the English Patient?*, p. 937.

<sup>51</sup> *Ibid.*

claim rather perplexing, especially given their active intellectual and practical engagement in political life, their constant interweaving of theory and practice”.<sup>52</sup>

Recentemente, dois autores, Ian Hall e Duncan Bell, colocaram em questão a viabilidade da Escola Inglesa. Nos voltaremos a seguir para a análise destes trabalhos.<sup>53</sup> Bell começa seu artigo dizendo que a Escola Inglesa atualmente passa por dificuldades para manter o mínimo de coerência que um dia já teve. Principalmente porque depois do debate pós-positivista ela não é mais a única a tratar de temas como cultura, valores, linguagem, identidades e idéias; observando que também não pode mais se basear no “monopólio” do termo “sociedade internacional”. Coloca que para o termo “escola” ter alguma utilidade é necessário um alto grau de coerência intelectual entre seus afiliados, ou pelo menos uma constelação de conceitos usada por todos.<sup>54</sup>

Uma vez que a Escola Inglesa não pode mais se basear em antigos suportes resta apenas, diz Bell, a dimensão ética, vale dizer, o status das regras, normas e práticas que constituem a sociedade internacional. Entretanto, Bell argumenta, que é justamente neste ponto, como os livros de Jackson e Wheeler demonstram, que está o problema: “there is a fault-line running through the core of the English School ethical project, one that calls into question the very coherence of the School”.<sup>55</sup> Para ele, esta “irresolúvel tensão entre suas vertentes crítica e conservadora”, deixam poucas opções para um melhor desenvolvimento, nenhuma particularmente satisfatória.

Primeiro, aponta que a Escola Inglesa pode continuar a operar como um “grande guarda-chuva discursivo”, como sugerido por Richard Little, aonde vários autores com diferentes perspectivas teóricas e metodológicas podem procurar abrigo, e, dessa forma, simplesmente funcionar como um recipiente vazio, desprovido de coerência e significância. Em sua opinião, este parece ser o seu atual caminho. Em segundo lugar, pode se tornar substancialmente mais crítica, mas o sucesso desta

<sup>52</sup> BELL, Back to School?, p. 411. O nome da seção no *review article* de Bell em que ele discute o trabalho de Jackson é “Back to the Future: The Perils of Traditionalism”.

<sup>53</sup> É importante destacar que se trata na verdade de dois *review articles* o de Ian Hall é sobre os livros de BUZAN;LITTLE, *International systems in world history*; DUNNE, *Inventing International Society*; JACKSON, *Global Covenant*; e Maurice KEENS-SOPER, *Europe in the world*. O de Duncan Bell é sobre os livros de JACKSON, *Global Covenant*, e WHEELER, *Saving Strangers*.

<sup>54</sup> BELL, Back to School?, p. 406.

<sup>55</sup> Ibid.

empreitada é extremamente duvidoso. Por fim, pode restringir seu foco e se concentrar em um conjunto de valores – idéias e ideais – retornando a ter o mínimo de coerência que um dia já teve; Bell coloca que o resultado de adotar este caminho se pareceria com o livro de Robert Jackson, *Global Covenant*. Mas diz que este último caminho é improvável, dado que muitos autores da nova geração vêem a abordagem de Jackson como um alerta aos perigos do tradicionalismo e como um retorno desnecessário e pessimista ao passado.<sup>56</sup>

Após analisar as diferentes posições de Wheeler e Jackson - destacadas acima –, conclui “It is over the issue of humanitarian intervention that the ethical backbone of the English School, as presently (re)constituted, will be broken, if it has not been already”.<sup>57</sup> Um dos pontos mais criticados por Bell – e como veremos, também por Hall – é a insistente ligação da Escola Inglesa com outras tradições teóricas. Dessa forma, pergunta: Se a Escola Inglesa é tão eficiente em si mesma, porque a constante tentativa de ligá-la a outros projetos intelectuais?<sup>58</sup> Isso o leva a fazer algumas observações no mínimo estranhas e sem propósito, como, por exemplo: “Those within the English School who are interested in a more critical conception of their subject would be well advised to look elsewhere. (...) For critically inclined English School scholars, however, there must remain serious doubts as to the wisdom and indeed point of continuing the association”.<sup>59</sup> Salienta que isto não significaria que teriam que abrir mão do valioso legado intelectual de Wight *et al.* O que ele não responde é sobre os teóricos críticos que “olharam em outro lugar” e possuem fortes ligações com a Escola Inglesa como o caso de Linklater, por exemplo.

Por fim, coloca que, dado todas estas divisões, atualmente não sabemos mais o que alguém quer dizer quando pronuncia o termo “Escola Inglesa”, por isso, “it is time (once again) to question the utility of, and need for, the English School”.<sup>60</sup>

O artigo de Hall compartilha muitos dos argumentos do artigo de Bell – Bell cita este artigo de Hall diversas vezes para apoiar suas colocações –, inclusive muitas das contradições. Bell argumenta que, suas críticas ao “ressurgimento” da Escola

---

<sup>56</sup> Ibid., p. 407.

<sup>57</sup> Ibid., p. 410.

<sup>58</sup> Ibid., p. 408, nota 13.

<sup>59</sup> Ibid., p. 413.

<sup>60</sup> Ibid.

Inglesa, não representa um ataque retroativo aos escritos de Bull, Wight e Vincent, uma vez que acredita que Dunne, em seu livro *Inventing International Society*, esteja certo ao salientar a importância destes autores no desenvolvimento intelectual e institucional dos estudos internacionais. Da mesma forma, Hall destaca que, desde 1981, a quantidade de livros e artigos identificados com a Escola Inglesa, desafiou os seus críticos, e não há no futuro próximo a possibilidade de “fechamento” que queria Roy Jones, principalmente após o “relançamento” formal da escola na reunião da BISA em 1999.<sup>61</sup> Entretanto, pondera que, apesar de tudo que a Escola Inglesa tem alcançado, ainda pairam dúvidas sobre a coerência e o valor desta abordagem.

Assim como Bell, Hall é extremamente crítico no que diz respeito ao atual projeto da Escola Inglesa, principalmente, com relação às tentativas de ligá-la a outras tradições teóricas. De modo geral, Hall faz pertinentes críticas aos livros de Dunne, Jackson, Buzan e Little. Questiona vários aspectos do livro de Dunne, principalmente, a inclusão de Carr e a exclusão de Manning, Northedge, Purnell, entre outros. Em alguns aspectos, as críticas à Dunne são muito bem sustentadas (nos créditos, podemos ler que Hall está escrevendo uma tese sobre o pensamento internacional de Butterfield, Wight e Toynbee, o que torna seu argumento mais incisivo, uma vez que ele se baseia, assim como Dunne, em materiais de arquivos pessoais não publicados de autores da Escola Inglesa, para questionar Dunne). Entre outros pontos, Hall problematiza a ênfase dada ao Comitê Britânico como “lar institucional” da Escola Inglesa, em detrimento da LSE.

Sobre o livro de Jackson, comenta suas várias contradições, entre as quais a questão, acima referida, do “agnosticismo profissional” e sua constante referência ao trabalho do filósofo político inglês Michael Oakeshott. Hall coloca que é sintomático como, atualmente, os trabalhos da Escola Inglesa baseiam-se em teorias de “outsiders”, o que, na sua visão, representa uma dificuldade da Escola para se manter coerente. Nesse sentido, faz uma contundente crítica à Buzan e Little e suas tentativas de ligar a Escola Inglesa ao realismo estrutural, colocando que, ao fazerem isso, os autores deixam de lado uma das principais características da Escola Inglesa: a preocupação com questões normativas.

---

<sup>61</sup> HALL, Still the English Patient?, p. 931. Roy JONES, The English School.

Ao analisar as abordagens de Buzan e Little, Hall toma como contraponto os pensamentos de Wight e Butterfield, concluindo que pouca coisa resta da Escola Inglesa em suas propostas.<sup>62</sup> Diz que, apesar de quererem comparar, assim como fizeram Wight e Watson, sistemas de Estados ao longo da história, Buzan e Little muito difere desses em suas abordagens. Sob essa perspectiva, argumenta, por exemplo, que Wight e Watson estão preocupados com as *idéias* que geraram, sustentam e moldam as sociedades internacionais. Assim também as questões éticas e culturais não alcançam, nos trabalhos de Buzan e Little, a importância que possuem nos trabalhos de Wight e Watson. Isso porque os primeiros concentram-se em “capacidade de interação”, forças materiais, unidades, setores e estruturas. O resultado, para Hall, é uma concepção de História essencialmente estática, com pouco ou nenhum escopo para a agência humana.<sup>63</sup>

Por fim, Hall traça um paralelo com o livro de Michael Ondaatje, *The English patient*, e diz que, apesar de muitos observadores atestarem sobre a sólida saúde e renovado vigor da Escola Inglesa, essa, assim como o “paciente inglês”, não parece ser o que demonstra:

The appearance of health has been achieved only with treatments of some severity. To sustain it, drastic amputations – Dunne’s exclusion of Manning and Northedge being an example – and a series of transfusions of new blood, including Carr, Oakeshott and Waltz, have been felt necessary by the new ‘English scholars’. Both actions, however, may ultimately have compromised the well-being of the patient. (...) Yet there is a point at which such ties are stretched to breaking-point. Like the rest of the IR community, today’s English School is riven by divisions over methods and theory. (...) Methodologically, there is little or no consensus; nor, indeed, is there a normative position on which all can agree. An uneasy peace exists between critical theorists like Dunne and structural realists like Buzan and Little, and the first shots in a potential conflict between cosmopolitan and communitarian renderings of international society have already been fired by Jackson. What seems required, twenty years on from Jones’s case for closure, is a recognition that the English School cannot be closed, or indeed re-invented, for, as a cohesive approach to the study of international relations, it no longer exists”.<sup>64</sup>

Inúmeras objeções podem ser levantadas contra os argumentos de Duncan Bell e Ian Hall. Buzan e Little levantam algumas em suas respostas ao artigo de Hall.

---

<sup>62</sup> Ibid., p. 939.

<sup>63</sup> Ibid., p. 940.

<sup>64</sup> Ibid., p. 941-942.

Essas objeções também podem ser aplicadas ao artigo de Bell, uma vez que o argumento dos dois é o mesmo. Sobre a diversidade de opiniões e abordagens na Escola Inglesa, eles argumentam que Hall não percebe dois pontos essenciais ao colocar isso como negativo. O primeiro: o pluralismo teórico e a tentativa de capturar a totalidade das ‘relações internacionais’ são traços centrais que mantêm coesa a Escola Inglesa (as três tradições de Wight). Assim, colocam que declarar que a Escola Inglesa é “um microcosmo da disciplina como um todo” significa reafirmar um de seus pontos centrais, ao mesmo tempo que não se percebe que isso é feito de forma integrada, rejeitando as disputas de paradigmas e incomensurabilidades teóricas que dominam outras visões do *mainstream* da disciplina.<sup>65</sup>

A essa explicação, poderíamos acrescentar que as declarações sobre a falta de uma abordagem coesa contrasta com a afirmação de Evans e Wilson de que seria errôneo supor que a Escola Inglesa seja um todo coeso.<sup>66</sup> Cabe lembrar que eles se referiam a Escola Inglesa “clássica”, e, no entanto, esta afirmação não deixa de ser menos útil hoje do que já foi no passado.

O segundo ponto levantado por Buzan e Little coloca que Hall ignora a intersubjetividade e vitalidade coletiva da Escola Inglesa, que se apresenta como uma comunidade de acadêmicos que pensam e agem como se fossem parte de — ou estivessem em diálogo com — uma determinada tradição intelectual. Colocam que, tipicamente, toda comunidade possui divisões de opiniões, algumas profundas, e que, com a Escola Inglesa, não é diferente. Dessa forma, continuam Buzan e Little, ela é melhor vista como uma tradição de conversação, diferenciada de outras pelo seu foco nas “três tradições”, constituindo um conjunto de conversações, do qual outras pessoas podem participar, sem estarem comprometidas com um rigor determinado. Quanto a isso, citam como exemplo: Fred Halliday, Linklater e a si mesmos. E completam: “To say that this community does not exist, when hundreds of people are happy to think of themselves as part of it, and dozens more think it worth talking to from outside, *raises more questions about the observer than about what is (not) observed*”<sup>67</sup>

<sup>65</sup> Barry BUZAN; Richard LITTLE, The ‘English patient’ strikes back: a response to Hall’s misdiagnosis, p. 944.

<sup>66</sup> EVANS; WILSON, Regime Theory and the English School, p.332.

<sup>67</sup> BUZAN; LITTLE, The ‘English patient’ strikes back, p.944 (ênfases minhas).

A partir desse raciocínio, afirmam ser curioso que Hall coloque o livro deles na Escola Inglesa, ao mesmo tempo em que os classifica de realistas estruturais: “*International systems in world history* was not written as an English School book”.<sup>68</sup> Ao declararem que o livro não é um livro da Escola Inglesa, enfraquecem em muito todo o argumento de Hall. Utilizando a analogia do ‘paciente inglês’ usada por Hall, concluem: “Ian Hall’s premature death certificate merely raises questions about his competence to practice medicine”.<sup>69</sup>

Outro ponto a se levantar sobre a crítica de Bell, com respeito ao atual projeto da Escola Inglesa, é a ambigüidade de sua posição em relação a esse projeto, o que também destaca as contradições da sua argumentação. Em seu artigo, Bell se mostra extremamente crítico quanto a esse projeto, levantando sérias objeções e dúvidas quanto a sua viabilidade. Contudo, curiosamente, em outro artigo, ao comentar sobre a tentativa de Dunne de mostrar a “potencialidade radical” da Escola Inglesa, Bell faz observações completamente diferentes: “This is an interesting project, and a viable one given the anti-positivist, historicist and sociologically sympathetic approaches of some of the key thinkers [da Escola Inglesa] under evaluation”.<sup>70</sup> Como pode ele afirmar, em um artigo, a impossibilidade do atual projeto da Escola Inglesa, sugerindo aos teóricos críticos da Escola que procurem outras abordagens supostamente mais adequadas às suas inclinações críticas, e, em outro artigo — publicado no mesmo ano! — dizer que se trata de um projeto viável, dadas as possibilidades abertas pelas primeiras gerações?

Por fim, o que esses críticos também não percebem é que, longe de significar o esgotamento da Escola Inglesa, ou um embate que coloca em xeque sua viabilidade, o fato de os teóricos solidaristas verem como um revigoramento o debate entre as tradições pluralista e solidarista é fundamental e importante para a Escola Inglesa. Isso não é, como colocam os críticos, contraditório, e não constitui uma questão que “coloca em risco” a Escola. Criticando o revigoramento do debate no atual projeto normativo da Escola Inglesa, os críticos não percebem, conforme observou corretamente um de seus participantes, Robert Jackson, que não se trata de um debate

---

<sup>68</sup> Ibid.

<sup>69</sup> Ibid., p. 946.

<sup>70</sup> Duncan S. A BELL, *International Relations: the dawn of a historical turn?*, p. 122.

entre os que estão preocupados com os direitos humanos e aqueles que não estão. Mas, sim, de um debate sobre os valores da sociedade internacional.<sup>71</sup> É preciso deixar emergir o debate sobre essa tensão que se encontra no centro da política internacional do pós-Guerra Fria. Uma tensão que, como vimos, a Escola Inglesa não pretende ignorar.

Após analisarmos as posições relativas aos últimos debates envolvendo a Escola Inglesa, vale a pena examinarmos o quão importante foi o debate sobre o conflito no Kosovo para a Escola Inglesa. Pode-se indagar sobre a dimensão, importância e a relevância deste debate ocorrido dentro da Escola Inglesa, para o seu desenvolvimento atual.<sup>72</sup> Qual foi o papel deste debate para a atual geração da Escola Inglesa? Na minha visão, o debate sobre o conflito do Kosovo na Escola Inglesa foi importante por levantar uma série de questões sobre o atual estágio da Escola. Em primeiro lugar, trouxe a tona de forma contundente desacordos normativos entre suas diversas correntes que já vinham ocorrendo ao longo da década de 1990. Estes desacordos, representados principalmente pelo revigoramento do debate entre pluralistas e solidaristas, mostraram, ao longo dos anos 1990, a renovação e inovação que estava ocorrendo dentro da Escola Inglesa. Uma vez que a vertente solidarista, anteriormente minoritária, passou a ter uma voz ativa dentro da Escola. Isso reflete também a influência sobre a nova geração de perspectivas críticas e pós-positivistas.

Isto nos leva, por sua vez, a um segundo ponto, qual seja, o fato deste debate ter chamado a atenção dos críticos sobre os procedimentos teóricos e normativos desta terceira geração. Este, na minha visão, é o ponto principal que foi aberto pelo debate sobre o Kosovo. Ou seja, tal debate, por ter exposto divergências normativas e teóricas, fez com que os críticos analisassem as transformações pelas quais vem passando a Escola desde o fim da Guerra Fria. Dessa forma, analisou-se criticamente todos os seus procedimentos: a suposta inovação teórica trazida por novos teóricos; as tentativas de ligações com perspectivas críticas e pós-positivistas e o conseqüente revigoramento da perspectiva solidarista. Podemos dizer que, de certa forma, ocorreu uma situação parecida com a ocorrida anteriormente por ocasião dos debates sobre a Escola Inglesa nos anos 1980. Nos anos 1980, conforme mostrado no segundo

---

<sup>71</sup> JACKSON, Global Covenant, p. 291.

capítulo, ocorreram debates que analisavam a contribuição da Escola Inglesa até aquele momento. Da mesma forma, apesar de em menor proporção, as críticas levantadas a partir dos debates sobre o Kosovo permitiram uma abrangente avaliação desta nova geração.

---

<sup>72</sup> Agradeço ao professor Nizar Messari por levantar este ponto.